



ESTUDOS LITERÁRIOS

ISSN: 1517-7238

Vol. 13 nº 25

2º Sem. 2012

p. 205-219

***PELE DE JAMBO, DE RAQUEL NAVEIRA:
A PERTENÇA NA LITERATURA
INFANTO-JUVENIL***

***PELE DE JAMBO, FROM RAQUEL
NAVEIRA: THE BELONGING IN THE A
PERTENÇA NA LITERATURE FOR
YOUNG PEOPLE***

Maisa Barbosa da Silva Cordeiro ¹

Célia Regina Delácio Fernandes ²

¹Graduada em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados UFGD (2010); Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Literatura e Práticas Culturais da Universidade Federal da Grande Dourados UFGD.

² Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista UNESP (1990), Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista UNESP (1996) e Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade de Campinas UNICAMP (2004). Professora Adjunta III do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo, a partir da obra *Pele de jambo* (1996), da escritora regionalista sul-mato-grossense Raquel Naveira, analisar as representações da fronteira Brasil-Paraguai. Pretende-se, desse modo, discutir como é evocado o sentimento de pertença (NOLASCO, 2011) na obra. Por ser destinada ao público infanto-juvenil, *Pele de jambo*, além da questão da representação da fronteira, ganha ainda mais singularidade, devido à urgência em construir, desde cedo, sentimentos de valorização do *locus* no qual os sujeitos estão inseridos. As marcas regionais presentes na obra de Naveira (1996) são extremamente importantes para a divulgação da cultura desse *locus* específico. Nesse sentido, é objetivo deste trabalho analisar como são representados alguns elementos que vão sendo transformados em uma situação fronteiriça, tais como história, língua, culinária e os próprios sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: regionalismo; fronteira Brasil-Paraguai; literatura.

ABSTRACT: This paper aims, from the work *Pele de jambo* (1996), of the regionalist writer native from Mato Grosso do Sul Rachel Naveira, to analyze the representations of the Brazil-Paraguay border. Then, the aim is to discuss how the sense of belonging is evoked (NOLASCO, 2011) in the work. Because it is for the infant and young public, *Pele de jambo*, beyond the question of the representation of the border, gets more singularity because of the urgency in building, early, feelings of appreciation of the *locus* in which the subjects are inserted. The regional brands present in Naveira's work (1996) are extremely important for spreading the culture of this specific *locus*. In this sense, objective of this work is to analyze how some elements are represented that are being transformed into a border situation, such as history, language, cuisine, and the subjects.

KEY WORDS: regionalism; the Brazil-Paraguay border; literature.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Daí que o lugar de uma literatura sul-mato-grossense, regional, germinativa de um chão cultural peculiar, ganha foro de legitimidade ao ser reconhecida como “fábula do lugar”, elemento matricial de uma dicção própria (SANTOS, 2011, p. 59).

A escritora Raquel Maria Carvalho Naveira nasceu em 1957, na cidade de Campo Grande/MS. Passou a infância em São Paulo e, aos doze anos, retornou a morar em Campo Grande. Graduiu-se e leciona na UCDB (Universidade Católica Dom Bosco). Membro da Academia Sul Mato-Grossense de

Letras, Naveira contribui para a difusão e conhecimento da arte literária sul-mato-grossense. Dentre suas produções, que incluem poesias, prosa e o infanto-juvenil *Pele de jambo*, destaca-se o modo com que a autora se vale de referentes desta região em sua escrita.

Sua obra *Pele de jambo*, ilustrada por Raquel Lourenço, nos oferece a possibilidade de um revisitação a Mato Grosso do Sul antes do desmembramento de Mato Grosso, em 11 de outubro de 1977. A autora resgata, nesse retorno, aspectos da geografia, história, fauna, flora e gastronomia. O grande marco da obra é a representação da fronteira Brasil-Paraguai, pelo fato de as regiões fronteiriças propiciarem modificações não somente no plano geográfico, mas nos sujeitos que vivem neste *locus*.

Nesse contexto, nossos olhares se focam na obra supramencionada *Pele de jambo*, com o objetivo de verificar a representação da fronteira Brasil-Paraguai, as marcar de representação regionalista e a construção do sentimento de pertença. A obra, endereçada ao público infantojuvenil, torna-se ainda mais especial pelo fato de, com o avanço dos estudos comparados e culturais, ser reconhecida a necessidade de valorização de obras que representem o regional. Desse modo, entende-se que a obra prima pela evocação do sentimento de pertença não somente por meio da escrita para adultos, mas também com o público infantojuvenil.

As marcas regionais presentes na obra de Naveira (1996) são extremamente importantes para a divulgação da cultura desse *locus* específico. Nesse sentido, é objetivo deste trabalho analisar como são representados alguns elementos que vão sendo transformados em uma situação fronteiriça, tais como história, língua, culinária e os próprios sujeitos.

FRONTEIRA E REGIONALISMO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

O balbucio é o nosso orgulho, nosso capital cultural, nosso

discurso raro (ACHUGAR, 2006, p. 14).

A epígrafe de Hugo Achugar, da obra *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre literatura* (2006), reivindica o direito do “balúcio” ao latino-americano. Na contemporaneidade, cada vez mais a reivindicação de Achugar é reconhecida, principalmente por ser consenso que a literatura latino-americana, durante muito tempo, foi considerada inferior à europeia. O fato de os países da América Latina terem sido colonizados pelos da Europa contribuiu consideravelmente para a construção desse pensamento, que não era proveniente apenas dos escritores europeus, mas também os latino-americanos.

De fato, Tânia Carvalhal (2010) atenta para essa questão ao discutir os primórdios da Literatura Comparada, mencionando que, aos países colonizados, restava sempre um sentimento de dívida em relação aos países com culturas supostamente superiores: “Tal perspectiva só podia beneficiar os sistemas culturais consolidados, dos quais os mais novos seriam sempre parentes pobres ou herdeiros remotos. Em geral, retardatários” (CARVALHAL, 2010, p. 76).

A mesma autora aponta, em outra obra, *O próprio e o alheio* - ensaios de literatura comparada, ao discutir a tradição literária brasileira, que esse sentimento de inferioridade só começou a ser modificado com o modernismo, em que diversos romancistas buscavam enaltecer sua terra natal (CARVALHAL, 2003). Porém, como destaca Eduardo Coutinho (2009), a década de 1970 foi primordial para a reavaliação da suposta inferioridade da literatura aqui produzida, devido aos avanços no campo da Literatura Comparada. A questão da dependência cultural passou, dessa forma, a estar sempre em pauta:

As discussões teóricas voltadas para a busca de universais deixaram de ter sentido e seu lugar foi ocupado por questões localizadas, que passaram a dominar a agenda da disciplina: problemas como o das relações entre uma tradição local e outra importada, das implicações políticas da influência cultural, da necessidade de revisão do cânone literário e dos critérios de periodização (COUTINHO, 2009, p. 28).

A partir do desconstrução da ideia da Europa como centro de produção cultural, passou a haver maior valorização das culturas locais, tanto por parte de escritores de literatura quanto de críticos literários. O regionalismo presente na literatura brasileira, nesse ínterim, é utilizado para demarcar as particularidades do lócus de enunciação de cada escritor: “O regionalismo aparece na ficção, sublinhando as particularidades locais e mostrando as várias maneiras possíveis de ser brasileiro” (CARVALHAL, 2003, p. 144-145). As possibilidades artísticas de cada região, desse modo, cada vez mais, vem ganhando força. Cada autor, seja crítico, quando produz algo que diga respeito especificamente a região em que vive ou que nasceu e busca assim divulgar a cultura deste local, está contribuindo para a disseminação do conhecimento a respeito do lócus que pertence.

Apesar de binarismos como os que colocavam a cultura europeia em um patamar superior da latino-americana estarem superados, ainda é necessário problematizar o conceito regionalismo presente na literatura, pelo fato de que, com a crescente globalização, é necessário questionar o quanto isso afeta as culturas locais. Achugar (2006) aponta questionamentos fundamentais no que se refere à essa problemática. O autor nos convida a refletir se a globalização constrói culturas e identidades também globais, unificadas ou se as identidades locais resistem ao efeito globalizador. Como possível resposta às suas indagações, Achugar (2006) traz à cena o “aldeão vaidoso” de proposto por José Martí e menciona que:

Pensar a globalização a partir da periferia não significa, necessariamente, concluir que se está produzindo uma homogeneização simbólica ou política do planeta. O aldeão não tem um modo de produção além do híbrido tremendamente nacionalista, e essa herança cultural, esse capital cultural, não é um deserto. Contra seu suposto falecimento, a nação entendida como conjunto de emoções, símbolos e sentimentos de pertencimento a uma mesma comunidade imaginada continua tendo vigência em amplos setores da cultura da América Latina, mesmo quando já não se trate da nação na formulação

homogeneizada do século XIX (ACHUGAR, 2006, p. 86).

Jean Bessière (2011) contribui com essas discussões ao mencionar que as obras que buscam inserir novos centros não buscam serem alternativas às que já estão constituídas, mas apontar que não existem centros detentores do conhecimento, proporcionando a oportunidade de releitura dos centros já existentes: “os novos centros assim estabelecidos constroem as literaturas dos centros já estabelecidos a se examinar” (BESSIÈRE, 2011, p. 27).

Paulo Nolasco dos Santos menciona ser fundamental valorizar as produções que estão sob o teto “literatura regional” pelo fato de que, quando se busca a “nacionalização regionalizada”, deve-se buscar: “ganhar os louros, atravessar fronteiras, galgar as famas e reconhecimentos nacionais (como nacionais) sem, entretanto, livrar-se da aura, esfera, e orgulho, regional” (SANTOS, 2010, s/p.).

Por meio desse olhar, pesquisas que tenham foco na literatura produzida nesse *locus*, além de apontar a sua importância, contribui para o desenvolvimento de uma crítica voltada para a produção artístico-cultural dessa região. Desse modo, o papel tanto do escritor quanto o do crítico está em buscar valorizar o local a que pertence. Tanto nas produções literárias quanto na crítica, deve-se buscar inserir as vozes da periferia nos centros, para, com isso, contribuir para a construção e valorização de uma identidade própria. Para Santos, a relevância de estudos nesse sentido está em propiciar a

consolidação de uma série de escritores, obras e produções simbólicas de modo geral, que justificam o rótulo de uma literatura regional, fornecendo razão para refletirmos, por exemplo, entre outras questões, sobre a do ensino da literatura produzida em Mato Grosso do Sul (SANTOS, 2008, p. 18).

Ao observar a importância de obras literárias e críticas voltadas para *locus* específicos, pode-se notar que espaços fronteiriços são um campo fértil para essas temáticas. Quando

se busca refletir acerca de produções culturais fronteiriças, local em que a cultura se constrói de modo muito específico, deve-se ter em mente que fronteira não deve ser considerada algo estanque, livre de interferências. Como sabemos, fronteira não significa limite, mas é um local em que ambos os lados ultrapassam, modificam e transcriam a cultura um do outro, criando algo totalmente novo.

Nesse sentido, a divulgação, no meio acadêmico, dessas obras, traz contribuições para a reflexão acerca do ensino da literatura não somente nas universidades, mas no ensino da literatura sul-mato-grossense também em contexto escolar. Por meio dessa constatação, é possível perceber o quanto a propagação de escritores que partam desse lócus e que também o represente é necessária para a revitalização do ensino da literatura.

A partir dessas reflexões, é objetivo deste trabalho analisar a obra literária infanto-juvenil *Pele de jambo* da escritora Raquel Naveira para verificar o modo com que a história e a cultura na região da fronteira Brasil-Paraguai são narrados por meio da literatura naveiriana. Neste trabalho buscaremos refletir, ainda, a partir de *Pele de jambo*, a importância em reler acontecimentos históricos de Mato Grosso do Sul, por meio da escrita literária. Obras como a de Naveira tornam-se ainda mais singular quando se verifica o pouco número de escritores que dirigem para o público infanto-juvenil que representem o Mato Grosso do Sul.

Dentre esses escritores, pode-se citar, por exemplo, os poemas de Manoel de Barros e Emmanuel Marinho. Já no que diz respeito à escrita em prosa, o escritor Adair José de Aguiar, com as obras *O menino e o passarinho* e *A menina que era flor*; Luciene Machado com *O gato pernóstico*; Orlando Antunes Batista, com *Jacaré-Porã*, *Mar de Xaraés*; Lendas *terena e kadiwéus* e *Pantim na terra do nunca mais* e *A serpente serelepe*. Mas apenas *Pele de jambo*, de *Raquel Naveira*, representa o espaço da fronteira Brasil-Paraguai, destinando-o às crianças e adolescentes³.

³ Este levantamento foi feito a partir da obra *A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores* (2011), no qual as autoras Maria da Glória Sá

Pele de jambo, por marcar um destino específico, o público infanto-juvenil, é fundamental por dois motivos, primeiro, incita os pequenos leitores de Mato Grosso do Sul perceberem o valor da literatura que represente seu estado e, segundo, por permitirem aos leitores de outros locais, conhecer a literatura, costumes e fatos históricos de Mato Grosso do Sul e, assim, a obra contribui para a divulgação do estado para os leitores a que se destina.

LOCUS, LÍNGUA E CULINÁRIA: REPRESENTAÇÕES DE FRONTEIRA EM, *PELE DE JAMBO*

As novas fronteiras não devem ser de separação, mas de contato, de compartilhamento (ABDALA-JÚNIOR, 2004, p. 13).

Em *Pele de jambo*, obra que a autora dedica ao público infantojuvenil, a protagonista possui uma história que se confunde com a de Raquel Naveira: ambas nasceram em Campo Grande: “Rutinha nasceu no sul de Mato Grosso. Naquele tempo ainda não se chamava Mato Grosso do Sul. Era tudo Mato Grosso, sem divisão” (NAVEIRA, 1996, p. 13). Do mesmo modo que a escritora, a personagem possui ampla relação com Bela Vista: “Uma outra cidade do sul de Mato Grosso marcara profundamente a infância de Rutinha: Bela Vista. Bela Vista fica na fronteira do Brasil com o Paraguai, à beira do rio Apa” (NAVEIRA, 1996, p. 15).

A protagonista Rutinha vive em São Paulo, mas passa férias na casa do tio Pila e tia Anita, em Bela Vista, cidade situada na fronteira entre Brasil-Paraguai. Por meio da narração das observações e descobertas de Rutinha em Bela Vista, é possível notar a presença do hibridismo, fato extremamente pertinente por se tratar de uma zona fronteiriça. A própria descrição da personagem Tia Anita permite essa observação:

Rosa e Albana Xavier Nogueira alternam depoimentos dos próprios escritores com comentários críticos feitos por elas.

“Tia Anita era uma paraguaia meio índia, de traços severos e fortes, longos cabelos grisalhos presos em coque no alto da cabeça. Fazia chipa, falava guarani, atiçava a lenha do enorme fogão, que parecia um navio” (NAVEIRA, 1996, p. 17).

Outro elemento extremamente importante encontrado na obra é a questão da releitura de fatos históricos por meio da escrita literária. O interessante da obra de Naveira é que isso é feito por meio de algo típico da região: a contação de causos. Tio Pila, que vive na região, costuma reunir os netos para contar causos, narrando fatos históricos mesclados com histórias sobrenaturais: “Tio Pila gostava muito de contar histórias: histórias da Guerra do Paraguai, casos de assombração, de enterros, de tesouros escondidos. Histórias picadas, trechos de conversas, como uma colcha de retalhos” (NAVEIRA, 1996, p. 20).

De fato, entre as narrativas contadas por Tio Pila, a da Guerra do Paraguai ganha atenção especial de Naveira, que conta por meio de uma linguagem coloquial para aproximá-la da oralidade, dando a voz ao contador de causos tio Pila. Nota-se a presença de nomes que fizeram, de fato, parte da história sul-mato-grossense, permitindo uma leitura que mescla ficção e realidade:

Tio Pila explicava: Foi uma guerra triste, uma guerra entre irmãos. De um lado, a Tríplice Aliança: Argentina, Uruguai e Brasil. Do outro, o Paraguai. Três contra um. O Paraguai era governado por um jovem ditador, o Solano Lopez. Lopez era um sonhador. Visitou muito novo a França e ficou influenciado pelos feitos de Napoleão. Queria que o Paraguai se tornasse uma potência platina, obtendo uma saída para o mar. Achava que seu exército era o maior da América. Assunção era um brinco de cidade: cheia de poetas e músicos, escolas, hospitais, igrejas, indústrias, navios, até telégrafo tinha. Mas Solano era ambicioso, queria um Paraguai Maior sustentado pela força dos canhões. O Solano Lopez vivia com a Madame Lynch. Neste ponto, tio Pila pigarreava. Falar dessas coisas para crianças... (NAVEIRA, 1996, p. 21).

É válido atentar para o fato de que, por meio da história

da Guerra do Paraguai, Naveira relaciona também com os mitos originados desse momento histórico, como a conhecida história dos “enterros”. De modo geral, nessa história, durante a Guerra, as pessoas enterravam tesouros e fugiam, mas quando retornavam para buscar, nada encontravam: “O enterro sumia, desaparecia, mudava de local. A terra tem seus caprichos, seus mistérios, seus segredos guardados na umidade” (NAVEIRA, 1996, p. 27). Segundo o mito, era comum que outras pessoas encontrassem tesouros escondidos, auxiliadas por um espírito ou um sonho.

Tio Pila apresenta uma reflexão extremamente válida para a questão do cruzamento entre o real e o imaginário, ao mencionar que: “Bela Vista é um lugar onde acontecem coisas incríveis [...]. Um lugar onde o natural e o sobrenatural se cruzam a todo instante. Mundos paralelos que se fundem numa só realidade” (NAVEIRA, 1996, p. 31).

Convém trazer Manoel de Barros nesse momento, pela perfeita definição que apresenta a respeito da necessidade da invenção de mitos:

Na troca de prosa ou de montada, ele sonha por cima das cercas. É mesmo um trabalho na larga, onde o pantaneiro pode inventar, transcender, desorbitar pela imaginação. Porque a maneira de reduzir o isolado que somos dentro de nós mesmos, rodeados de distâncias e lembranças, é botando enchimento nas palavras (BARROS, 2003, p. 33).

O fato de Bela Vista estar situada em uma região de fronteira, contribuiu para a mescla da cultura de ambos os lados, e, com isso, a criação de uma cultura nova, única desta região. Isso é representado, na obra, principalmente pela abordagem ao aspecto linguístico. As mulheres dos peões, no momento de fazerem a chipa, costumavam conversar em guarani, para admiração de Rutinha. O interessante é que Naveira menciona que não era apenas em guarani que elas dialogavam, mas sim por meio de uma mistura linguística, devido à região fronteira: “As mulheres continuavam conversando: ora em espanhol, o castilha, ora em guarani, ora em português, numa mescla de

sons, de sílabas, de ritmos, de raças” (NAVEIRA, 1996, p. 41).

Outro momento em que é possível perceber como se transformam as culturas em espaços fronteiriços é no momento em que a autora menciona a questão da culinária, que, com o fluxo cultural, contribui para que alguns alimentos sejam símbolos para ambos os lados:

De manhã cedo, a criada Romana preparava o arroz carreteiro quente, com mandioca amarela e farinha, que os tropeiros não podiam ir para o campo de barriga vazia. Tia Anita vinha em seguida, preparar o café da manhã da família: leite fresco e espumoso vindo do mangueiro, requeijão, sequilhos, chipas, sopa paraguaia de cebola e milho, coquitos (NAVEIRA, 1996, p. 36).

Um dos fatos principais para o estudo das literaturas que partam de um local fronteiriço está na possibilidade de verificar como a cultura se reinventa nesses contextos. Desse modo, a abordagem à mistura linguística é essencial para verificar como se formam as identidades culturais.

Wilson Alves-Bezerra (2008, p. 61), ao estudar a obra de Horacio Quiroga, apresenta uma boa síntese de fronteira como um espaço pleno de transgressões ao mencionar que: “tudo na fronteira é evanescente, e sua manutenção dá-se de maneira ativa, em metamorfoses sucessivas”. Desse modo, compreendemos que a fronteira não serve para separar, já que, propicia, por se situar entre dois *locus* distintos, um contínuo cruzamento entre as culturas, criando algo totalmente novo que Silviano Santiago, no artigo “O entre-lugar do discurso latino-americano” (2003 [1971]), irá conceituar como “entre-lugar”. O termo, retomado por Homi Bhabha em *O local da cultura*, surgiu para refutar dicotomias como superioridade/inferioridade e também as ideias de unidade e pureza, fazendo com que os espaços configurados em regiões fronteiriças deixassem de ser vistos como menos importantes ou menos representativos para a literatura. Bhabha (2003), ao propor o terceiro espaço, busca propor a fragilidade de termos como fronteira, para discutir, assim como Santiago, que a suposta

superioridade de uma cultura sobre a outra é inexistente e termos como unidade e pureza também deveriam ser deixado de lado, já que só dessa forma seria possível um diálogo coerente entre culturas distintas: “Esses entre-lugares fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação singular ou coletiva que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade” (BHABHA, 2003, p. 19).

A partir dessas discussões, pode-se notar, quando Naveira finaliza sua obra, que não é apenas o local representado, fronteiro, que é pleno de mesclas, misturas, mas também a personagem, por viver entre dois mundos, é um sujeito fronteiro: “Rute cresceu assim, nessa tensão entre o campo e a cidade gigante. Alguém que na roça pensa no elevador e no elevador pensa na roça” (NAVEIRA, 1996, p. 51). Além disso, mostra como isso influiu na consciência da personagem, que mesmo apegada ao lugar de suas melhores lembranças, sente necessidade de conhecer novos lugares: “Grande é o amor de Rute por sua terra, toda feita de árvores e lembranças, mas seu lugar é o mundo todo” (NAVEIRA, 1996, p. 52).

Podemos aproveitar o fio condutor de Naveira para utilizar como metáfora para sua própria obra, que, assim como a protagonista, é “toda feita de árvores e lembranças” e não deve buscar apenas se restringir a esse local, mas ao mundo todo. Nesse sentido, as reflexões acerca da literatura que se busca regionalista não priorizam traçar nenhuma dicotomia, mas buscar lançar essas obras a um cenário muito mais amplo do que apenas o regional.

Como aponta Rita Schmidt (2005), a importância da Literatura Comparada está na modificação de algumas fronteiras e superação de dicotomias. A autora, sobre o conceito de fronteira, cita que o termo alcança muito mais do que somente a questão geográfica, mas pode estar relacionada com outras questões, “de modo a intervir nos modos de produção e circulação de imaginários locais/globais que impossibilitam aos povos periféricos/sujeitos subalternos [...] as condições de acesso à universalidade e aos direitos humanos” (SCHIMIDT, 2005,

p. 115). Desse modo, verificamos que o termo fronteira em *Pele de jambo* vai para além do espaço Brasil-Paraguai, mas na questão linguística, culinária e no sentimento de pertença da personagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade em analisar as obras produzidas em contexto sul-mato-grossense está em demarcar que há um discurso próprio na literatura desta região. É necessário destacar que quando se produz literatura neste contexto, ou ainda quando se produz crítica acerca dessa região, está sendo marcado o lócus de enunciação, o “pertencimento” de quem escreve, ou seja, são obras que trazem “em projeção a discussão acerca de uma espacialidade particular enquanto produtora de vínculos de pertencimento” (SANTOS, 2011, p. 33).

É com o olhar voltado para o *locus* em que nos situamos que buscamos inserir reflexões sobre a obra, que se torna amplamente singular por possuir um endereçamento ao público infanto-juvenil, que, cada vez mais, necessita de obras que evoquem sua pertença, que construam sentimentos positivos em relação ao lócus em que está inserido.

Desse modo, Santos tanto na produção quanto na crítica literária, verifica-se a necessidade da divulgação de “[...] produções regionais enquanto narrativas que são tessituras do local, a partir das quais os autores/escritores formularam diversas abordagens de um entorno comum” (SANTOS, 2011, p. 59). Para o autor, são justamente essas obras que fornecem “motivos e razões metodológicas para a real justificação de um ensino de literatura em nossas escolas” (SANTOS, 2011, p. 59).

Com essa perspectiva, as discussões presentes neste artigo não visaram apenas identificar as marcas do regionalismo em uma obra que representa a fronteira Brasil-Paraguai. Buscou também refletir acerca de novos motivos para pesquisas no campo da formação de pequenos e jovens leitores, que podem, por meio do texto literário, desenvolver um olhar mais perspicaz

para sua cultura, seu lócus de pertença.

REFERÊNCIAS

ABDALA-JÚNIOR, Benjamin. Um ensaio de abertura: mestiçagem, hibridismo, globalização e comunitarismos. In: _____. (Org.). *Margens da Cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. p. 9-20.

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ALVES-BEZERRA, Wilson. *Reverberações da fronteira em Horacio Quiroga*. São Paulo: Humanitas, Fapesp, 2008.

BARROS, Manoel. *Livro de pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no pantanal*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 33.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BESSIÈRE, Jean. Centro, centros: novos modelos literários. In: WEINHARDT, Marilene; CARDOZO, Maurício Mendonça. (Orgs.). *Centro, centros: literatura e literatura comparada em discussão*. Curitiba: UFPR, 2011. p. 13-35.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2010.

_____. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

COUTINHO, Eduardo F. A literatura comparada e o contexto latino-americano. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. (Org.). *Literatura e práticas culturais*. Dourados: UFGD, 2009. p. 27-39.

NOLASCO, Edgar César; BESSA-OLIVEIRA, Márcio Antônio; SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Arte, cultura e literatura em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Life, 2011.

RAQUEL, Naveira. *Pele de Jambo*. Belo Horizonte: ed. RHJ, 1996.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____ . *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, Paulo Sergio Nolasco dos. *Fronteiras do local: Roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense*. Campo Grande: Editora UFMS, 2008.

_____. *Literatura, arte e cultura na fronteira sul-mato-grossense*. Dourados: Seriema, 2010.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Alteridade planetária: a reinvenção da literatura comparada. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 7, 2005, p. 113-127. Porto Alegre. Disponível em: <<http://moodle.abralic.org/mod/book/print.php?id=167&chapterid=13>>. Acesso em: 12 dez. 2011.